As Origens do Chavismo

José Ramón Ponce Solozábal

UMA NOVA onda política da esquerda ressurgiu na América Latina justamente quando está para desmoronar o castro-comunismo em Cuba. As realidades do sistema comunista e as chamadas “revoluções populares,” destacadas em toda a sua magnitude, não tiveram nenhum valor depois da queda do muro de Berlim.

Será isso uma reação circunstancial na América Latina? Será algo promovido por líderes inspirados em teóricos que, como Lênin em seu livro *O Estado e a Revolução*, traçam diretrizes para aproveitar a oportunidade de tomar posse do poder? Ou será que as tendências à Esquerda e ao Populismo são inerentes naquela região do mundo? Acredito que haja um pouco de cada uma dessas idéias.

É imperativo analisar o fato de a esquerda estar se reorganizando em todo o mundo depois de sua derrocada nos fins do século XX. Mas diante do fracasso do marxismo-leninismo, estalinismo e maoísmo, observa-se a necessidade de um novo fundamento teórico e espiritual, daí o “revolucionarismo castro-comunista” ressurgir com mais força ainda. Essa é a causa fundamental dessa situação.

Vários fatores influem nessa revitalização:

- é fundamental lembrar que o castro-comunismo sobreviveu à queda do comunismo na Europa, ficando por esse motivo com uma aparência sólida e legítima;
- a compatibilidade e a aproximação à idiosincrasia e ao pensamento latino-americano concedem ao castro-comunismo maior aceitação naquela região. O fundamento filosófico, teórico e metodológico do regime cubano nunca se caracterizou pela sua ortodoxia, como ocorreu na Europa e na Ásia, mas por características *sui generis* que os aproximam mais aos latino-americanos; entre elas o populismo, caudilhismo, revoluções

sociais ininterruptas, expectativa paternalista-feudal da população, improvisação, falta de método, hostilidade contra os EUA e outros; e

- além disso, os movimentos sociais não são produzidos por meio de decretos e as circunstâncias responsáveis pela situação que existe atualmente em Cuba estão ainda presentes na América Latina.

Durante o século XX, o castro-comunismo exerceu grande influência na América Latina, apresentando algumas mudanças no século XXI. Este fato pode ser melhor estudado, com precisão e no âmbito continental, na Venezuela, levando-se em consideração a margem de erro própria de acontecimentos sociais. Nessa margem de erro as idéias herdadas da situação que existe atualmente em Cuba estão cristalizadas, ressurgindo em uma nova forma, mas sem deixar de ser essencialmente o mesmo. Contudo, isto não ocorreu por simples casualidade nem pelo carisma de Hugo Chávez como líder.

Premissas do Chavismo

Para entender a origem do chavismo devemos retroceder muitos séculos. O chavismo é o produto final de sucessivas mudanças econômicas, sociais e políticas que possuem suas premissas no secular caudilhismo que vem afligindo a América Latina desde o início da colonização espanhola.

Quando os puritanos a bordo do Mayflower desembarcaram no território norte-americano, traziam a teoria calvinista e de fragmentação da terra, a tendência à produção manufatureira e o comércio interno. Todos esses fatores fomentam um antecipado desenvolvimento mercantilista o qual, intermediando posteriormente os efeitos da Revolução Industrial na Inglaterra, lança os alicerces econômicos dos EUA. Supunha-se que tal processo seria um intercâmbio individual e, consequen-

temente, uma atitude de cooperação entre os colonizadores. Isso tudo levava ao enaltecimento da necessidade da união, expressada na formação das Treze Colônias e no caráter de suas guerras de libertação.

Porém, o processo de formação foi diferente na América Latina. Enquanto Cuba se estabelecia como o enclave principal para a conquista do continente e se instituíam os Vice-Reinos da Nova Espanha, Peru, Nova Granada e Rio da Prata, ocorriam, ao mesmo tempo, a fragmentação da terra na América Espanhola. Entretanto, não houve uma imposição da economia de mercado interno como no norte como parece ter ocorrido de maneira efêmera no Paraguai do Dr. Francia. O sistema de intercâmbio imposto pela coroa espanhola, a extensão de terras, o comércio insuficiente sem ligação com a Metrópole e a mão de obra abundante entre os nativos terminaram impondo o domínio com um certo matiz de escravidão-feudal na América Espanhola.

Na América Espanhola não se concebia o trabalho individual como fonte de riqueza, pelo contrário, era obrigação da autoridade garantir o alimento, a moradia e os meios de vida em geral. Era a autoridade que provia os meios de subsistência, como extrapolação da mentalidade originária do servidor e do escravo. Por esta razão, na mente dos colonos ainda persistia a submissão ao senhor feudal.

O senhor feudal se converte em caudilho porque os colonos dependem dele para viver, por ele ser dono das terras e dos meios de produção. E este atraso resultante do caudilhismo na América Latina faz com que as pessoas considerem obrigação do governo prover amparo, proteção e bens de consumo, sem que tenham de lutar por si mesmos. Essa expectativa é comum em toda a região, porém é mais predominante na Venezuela. Durante o desenvolvimento dos assentamentos espanhóis em diferentes áreas do continente, o atual território venezuelano não chegou a ser de interesse especial para a coroa, e nunca o foi durante a dominação do império. Mantinha-se como uma área primordialmente agrícola, especialmente pelas plantações de cacau, e não usufruiu dos benefícios do contato com o mundo, como aconteceu com outros centros de atividade. Sua situação geográfica também não ajudava, sendo benéfica para Cartagena e outros territórios vizinhos. Enquanto Havana, Cidade do México e Buenos Aires eram cidades cosmopolitas nas primeiras décadas desse século, a Venezuela se encontrava ainda num lugar muito isolado do intercâmbio mundial.

Essa posição desvantajosa, que contribuía ao caudilhismo, foi agravada por outras circunstâncias. A população do território venezuelano, principalmente no início, era significativamente pequena e predominantemente nativa dentro do contexto latino-americano. Essas condições fizeram que os resquícios feudais e a referência ao caudilho se mantivessem vigentes, mais

que em outros países, até os meados do século XX. Somente no final do governo ditatorial de Juan Vicente Gómez, que durou até 1935, foi que essa condição social começou a declinar. Esses efeitos duraram até a atualidade, fomentando uma notória expectativa paternalista na população e o desejo de um Messias político que “de golpe e bofetão” os presenteasse um afortunado nível de vida. Por outro lado, em proporção à sua extensão, a Venezuela se encontra saturada de riquezas naturais e que em conjunto com sua pequena população atraiu imensas ondas de imigrantes, principalmente no século XX; entre eles, judeus, espanhóis, italianos, portugueses, árabes e outros.

Extremamente pobres, esses imigrantes chegaram à Venezuela decididos a fazer capital por meio do trabalho. Na verdade, durante décadas fizeram fortunas, as quais foram crescendo, acumulando-se, multiplicando-se e passando de geração em geração, até que surgiu uma camada da população emergente, capaz de honrar seus compromissos e habituada a fazê-lo, gerando uma estrutura empresarial sólida e diversificada.

Esse crescimento contrastava com o sentimento e idéias paternalistas dos autóctones, os quais, em consequência deste processo, eram afastados paulatinamente do papel protagonista da sociedade e percebiam sua condição com irritação e desejo de vingança contra os estrangeiros e empresários. Eles consideravam esses imigrantes como usurpadores de suas riquezas. Embora não seja um país propriamente racista, a Venezuela de hoje está dividida entre chavistas, formados majoritariamente por mestiços, e os antichavistas por brancos. Outro aspecto que deve ser considerado dentro das premissas do chavismo é que, em alguns casos, as posições adquiridas por essa camada emergente de origem estrangeira lançavam raízes nos países adotivos, e em outros casos não se sentiam arraigados a nenhum dos países. Conseqüentemente, havia entre eles um sentimento desarraigado, indiferente à vida política da nação. A arena e a institucionalização política eram frágeis e deficientes, dando muito lugar para a corrupção financeira, a fragilidade jurídica e governos impossibilitados de mudar favoravelmente essas condições. Havia um exacerbado antagonismo na sociedade venezuelana, maior que nos outros países da América Latina.

Surgimento do Chavismo

Hugo Chávez, depois de ser o principal personagem de uma tentativa fracassada de golpe de estado em 1992 contra o presidente Carlos Andrés Pérez (já em seu segundo mandato), esteve preso por pouco tempo, recebendo anistia do presidente Rafael Caldera. Posteriormente, foi a Cuba a convite de Castro. Essa tentativa de golpe foi resultado de desacordos políticos do governo, porém em sua base havia as

expectativas paternalistas da população.

A partir do desenvolvimento petrolífero, na década de 30, observou-se uma aceleração do crescimento empresarial, o qual atingiu seu auge durante a crise internacional do petróleo nos anos 70. Nessa época, ocorreu uma extraordinária prosperidade, com uma abundância monetária e uma circulação financeira que abarcou todos os níveis da sociedade.

Entretanto, a população começou a se preocupar à medida que os preços do petróleo bruto se normalizavam e a moeda nacional (o Bolívar) perdia seu valor. Para a maioria dos venezuelanos era difícil entender que a mina de ouro financeira desfrutada naquele momento não era mais que um feito conjuntural e, por isso culpavam o governo eleito democraticamente pela deterioração econômica. A crescente exacerbação e desgosto da população levaram ao referido Golpe de Estado.

Além de todos esses problemas, o governo de Carlos Andrés Pérez começou a empregar fórmulas de livre mercado, desagradando profundamente a população. A classe média venezuelana acreditava que os bens do Estado e as riquezas naturais da nação deveriam ser repartidos, causando uma veemente oposição a tudo que seja relativo à privatização. Vale enfatizar que a Venezuela nunca experimentou uma plena economia de livre mercado, e que seus governos sempre se movimentaram sinuosamente entre o capitalismo de estado, o socialismo e a democracia social.

A enorme circulação financeira comparada com a precária situação institucional aumentava e ressaltava a corrupção e o enriquecimento ilícito de poucos, o que multiplicava os antagonismos sociais. Finalmente, após a tentativa de Golpe de Estado, o governo do segundo mandato de Rafael Caldera tornou-se politicamente frágil, indeciso e ineficaz.

Nestas condições, Hugo Chávez abandonou suas posições golpistas e, por meio de eleições democráticas, ganhou a presidência da República. Foi eleito por uma sobrepujante maioria para o período que começou em 1999, promovido e enaltecido pelos partidos da esquerda e também pela população ansiosa por uma mudança. Embora sua tentativa de Golpe de Estado em 1992 tivesse fracassado e ele não atendesse, de forma alguma, às tradições democráticas, Chávez respondia às necessidades dos venezuelanos e deixou uma marca indelével na Nação, que se manteve latente até que ele surgisse novamente na arena política. Por isso, sua liderança, popularidade e aceitação pelo povo, em apenas poucos meses, é elevadíssima.

Conclusões

Após a Segunda Guerra Mundial as idéias esquerdistas granjeavam grande simpatia pelo mundo. Nos próprios Estados Unidos houve uma resposta a este fenômeno chamado de “Macartismo”, o qual, à margem dos possíveis extremismos surgidos, era resultado deste avanço. A influência dessas tendências políticas chega até as décadas de 60 e 70 do século XX, manifestada pelos *hippies*, movimentos terroristas e motins universitários que tiveram início no dia 5 de maio de 1968, em várias universidades, dentre as quais a de Sorbone, na França. Dentro desse movimento surge o castro-comunismo em Cuba, internamente como produto de um grande desenvolvimento econômico e social que se opõe ao status político existente.

Porém, a origem do chavismo é diferente. É o resultado, como fator interno e essencial, de um profundo antagonismo entre uma camada empresarial emergente e de origem estrangeira e o lento desenvolvimento social da população autóctone, caracterizada por suas relevantes expectativas paternalistas, existentes desde seus primórdios históricos. Como fator externo, podemos mencionar a influência, de uma forma ou de outra, do castro-comunismo. Entre esses dois fatores se encontra a galopante corrupção, resultante da abundante circulação financeira da nação.

Com a presente análise chegamos à conclusão que a América Latina tem grandes propensões às mudanças sociais, assunto que requer muita atenção. Mas não se trata dos clichês muito conhecidos dos grupos da esquerda e sim da base sólida existente na região desde o princípio de sua história: o paternalismo generalizado, *perpetuom movile* de seu subdesenvolvimento. Esta característica latino-americana conduz a um beco sem saída. Por esse motivo, a posse do poder em qualquer país da América Latina exige, para realizar um trabalho de transformação eficaz e manter o nível de popularidade governamental, um excelente equilíbrio entre o discurso popular, os benefícios das políticas sociais e a economia de livre mercado como meios para sair da pobreza e poder continuar eficazmente o desenvolvimento. Não se pode alcançar “de uma só vez” toda uma estrutura democrática, como a dos EUA, por exemplo. Primeiro temos de solucionar os problemas imediatos e visíveis, mesmo por meio de paliativos, enquanto se fomenta discretamente um completo desenvolvimento econômico, jurídico, social e cultural. **MR**

José Ramón Ponce Solozábal foi professor de Psicologia Aplicada na Escola Nacional de Contra-inteligência de Cuba e mora atualmente nos Estados Unidos.